

## UM OLHAR SOBRE A SOCIEDADE DO CANSAÇO

Fernanda Ceccon Ortolan\*

### Referência da obra:

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

O indivíduo como empreendedor de si, a maximização da produtividade e o desempenho como palavra de ordem. A lógica competitiva é, sem dúvida, um traço marcante – e fundante – do atual desenho social, e se estende aos mais variados segmentos, que ultrapassam em muito a esfera da economia, ditando novos parâmetros éticos, comportamentais e sociais.

Seus elementos, que casam perfeitamente com o andamento desimpedido de um discurso neoliberal, estendendo o campo econômico competitivo a todas as esferas da vida, parece, por um lado, uma tendência “natural” de uma sociedade que muda e evolui em ritmo acelerado. Se, de um lado, o dinamismo, a flexibilidade e a possibilidade de empreender parecem, em primeira análise, descrever uma sociedade de sujeitos livres, de outro lado esse discurso pode se demonstrar menos emancipatório do que se faça parecer.

É a partir desses efeitos negativos sobre os indivíduos que o livro *Sociedade do Cansaço* se desenvolve. Por uma atividade interpretativa, podemos inferir que há uma pergunta fundamental na obra. Para sua elaboração, parece-me apropriado recorrer à linguagem econômica, tão difundida quanto idolatrada na nossa atualidade: qual o preço que se paga por tudo isso?

Byung-Chul Han é um teórico alemão sul-coreano, professor de Filosofia e Estudos Culturais da Universidade de Artes de Berlim. Autor de mais de dezesseis livros, destaca-se, aqui, sua obra relacionada ao que ele denomina *Sociedade do Cansaço*, com elementos críticos a uma sociedade regida pelo desempenho, apontando as enfermidades sociais e humanas que dela decorrem.

O capítulo inicial do livro traz, já no título, a ideia de uma *violência neuronal*. Han desenvolve a noção a partir de uma linguagem biológica, ou, ainda, patológica. Para isso, parte da afirmação de que cada época foi marcada por suas enfermidades fundamentais, distinguindo essencialmente a passagem de uma época bacteriológica, ou imunológica, para a época marcada pelo que denomina violência neuronal.

O primeiro momento, que teve fim com a descoberta dos antibióticos, marca uma etapa imunológica. Há, nesse sentido, uma divisão clara entre o corpo e um agente estranho, tal qual em uma reação imune. Fica bem demarcada a distinção entre o que está dentro e o que está fora, em uma situação de ataque de um lado e defesa de outro. Esse vocabulário patológico foi incorporado ao fenômeno militar, notadamente no período da Guerra Fria, destacando a influência mútua entre discursos

\* Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: fernandaceconortolan@gmail.com.

biológicos e sociais em diversos momentos históricos. O dispositivo imunológico marca, assim, um movimento de defesa, em que se trata de repelir e afastar tudo aquilo que é estranho.

Para o autor, o fim da guerra fria trouxe uma mudança de paradigma, em que desaparece o elemento da estranheza e alteridade, fundamentais ao paradigma da imunologia, para se dar lugar ao elemento da *diferença*. Seguindo a linguagem biológica, o autor afirma que a simples *diferença* já não faz adoecer, pois a ela falta um elemento de *estranheza* apto a desencadear a reação imunológica. Até mesmo a própria *estranheza* se neutraliza, cedendo lugar à figura do *exótico*. O *exótico* é o *diferente* que não será combatido, mas sim consumido, como um território desconhecido a ser explorado turisticamente. Nesse fenômeno de *diferença*, próprio de uma sociedade globalizada, não há muros para apartar o *estranho* ou mecanismos para acabar com ele, mas buscam-se formas de neutralizá-lo dentro do próprio sistema.

Daí se pode concluir que o paradigma imunológico não se coaduna propriamente com o fenômeno da globalização, pois as barreiras que são próprias à reação de ataque e defesa imunológicos entravam os processos de troca e intercâmbio próprios de uma sociedade globalizada.

Tem-se, assim, que o sistema imunológico é marcado pelo que o autor denomina como dialética da negatividade. O elemento estranho penetra no corpo para negá-lo, e aí está a primeira negatividade. Em seguida, o sistema de defesa do corpo age combatendo o estranho, representando a segunda negatividade. A reação imunológica é, portanto, uma *negação da negação*. E é propriamente dessa *negação da negação* que nasce a autoafirmação imunológica. Percebe-se, assim, como esse momento é marcado por negatividade.

Por outro lado, o desaparecimento dessa barreira clara entre o corpo e o “outro” faz com que vivamos em uma época pobre de negatividades. A situação trazida por Han é justamente a contrária: vivemos em um período marcado por um novo estado patológico, decorrente do exagero de positividade. Daí se apontam os excessos: “a violência da positividade que resulta da superprodução, superdesempenho ou supercomunicação já não é mais ‘viral’”. (HAN, 2015, p.16) Se está diante do que o autor chama de violência neuronal, que muito se distingue da negatividade imunológica.

Esse excesso de positividade traz consigo novas formas de violência, que não partem de um agente estranho ao sistema, mas sim do próprio sistema, na medida em que são inerentes a ele. Assim, há uma violência sistêmica, que não é excludente, mas exaustiva, cujo excesso de positividade mostra-se demasiado perverso. Dessa exaustão pode se extrair uma relação direta com o título da obra, que se dispõe a explicitar alguns aspectos de uma *sociedade do cansaço*.

Em seguida, Han faz uma análise da sociedade disciplinar de Foucault, para demonstrar que esse modelo de sociedade não mais é correspondente ao momento atual. Segundo o autor, a sociedade disciplinar Foucaultiana – marcada pelos hospitais, presídios, asilos, fábricas – fora substituída pela sociedade do desempenho. Assim, aqueles que antes eram sujeitos de obediência, hoje são sujeitos de desempenho e produção; são empresários de si (HAN, 2015, p. 23).

Se a sociedade disciplinar de Foucault era marcada pela negatividade da proibição, a sociedade do desempenho tem se erguido sobre uma desregulamentação, em que a negatividade dá lugar a uma ideia de *poder ilimitado*. Assim, o projeto, a iniciativa e a motivação substituem a negatividade da proibição. “A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo *não*. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados.” (HAN, 2015, p.25)

A passagem ao modelo da sociedade de desempenho se associa de forma direta à busca por um aumento na produtividade, pois a proibição, porquanto *negativa*, tem um efeito de bloqueio, ao passo que a positividade do *poder* se mostra mais eficiente na busca frenética por superação. O que o autor demonstra, no entanto, é que essa positividade trazida pela ideia do *poder* não implica em uma ausência de deveres. O indivíduo do desempenho continua sendo disciplinado, mas, dessa vez, por si mesmo. Ele exige de si uma eficiência que também o disciplina e controla.

A partir daí que Alain Ehrenberg, sociólogo francês citado no livro, localiza a depressão: na passagem do modelo disciplinar para o modelo do desempenho. Segundo ele, o imperativo de obedecer a si mesmo é a causa da depressão, que se configura enquanto “expressão patológica do fracasso do homem pós-moderno em ser ele mesmo”. (HAN, 2015, p.27) Byung-Chul Han acrescenta à análise de Ehrenberg outra causa da depressão, como sendo a individualização e atomização dos indivíduos, em uma sociedade marcada por vínculos cada vez mais frágeis e efêmeros. Segundo o autor, “o que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a *pressão do desempenho*”. (HAN, 2015, p.27) Enquanto para Ehrenberg a depressão se dá precisamente na passagem da sociedade disciplinar para uma sociedade de iniciativa própria, Han argumenta que sua causa não mora no excesso de responsabilidade ou iniciativa, mas no imperativo do desempenho, que é a nova palavra de ordem da sociedade pós-moderna do trabalho.

Diante dessas considerações, o autor desenha o homem depressivo como aquele que explora a si mesmo, sem qualquer aparente coação externa ou estranha a ele. Nota-se, aqui, que não há mais um elemento que vem de fora e agride o corpo, próprio do sistema imunológico: agora, o homem do desempenho, é, ao mesmo tempo, agressor e vítima. Se, de um lado, aparenta estar livre de amarras ou cobranças, de outro, o sujeito está mais submisso do que nunca, uma vez que a exigência pelo desempenho está internalizada nele próprio. Nesse ponto, é senhor e escravo de si; sua liberdade é, paradoxalmente, sua coação.

Em uma sociedade regida pela positividade, pelo poder que se contrapõe à negatividade da proibição, a depressão surge no momento em que o sujeito do desempenho já não pode mais poder. Essa reação se explica pelo cenário social em que está inserida: uma sociedade cuja máxima é a de que *nada é impossível*. Assim, a partir da percepção de que há limites ao *poder*, o indivíduo entra em guerra consigo mesmo. É essa liberdade paradoxal, portanto, que Han aponta como causa para os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho.

Pelo intuito principal do presente texto, que é o de apresentar a discussão trazida pela obra, sem esgotar os diversos pontos trabalhados ao longo dos sete capítulos

que a constituem, encerra-se esta breve análise com o último capítulo, que dá nome ao livro.

“O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando.” (HAN, 2015, p.71) Esse cansaço descrito pelo autor ao longo de toda a obra é extremamente violento, pois é vivido de forma individualizada, e destrói elementos de proximidade, de comunidade, de construção de um *comum*. A esse cansaço solitário se opõe o que o autor chama de *cansaço fundamental*, que é um cansaço reconciliador, que torna o eu permeável para o mundo, rearticulando formas de convivência que se perdem na sociedade individualista do desempenho, onde não há qualquer espaço para contemplação e para o surgimento do espírito. “O ‘cansaço fundamental’ suspende uma individualização egológica, fundando uma comunidade que não precisa de parentesco.” (HAN, 2015, p.77)

A sociedade do desempenho é a sociedade da máxima produtividade. Dos indivíduos ditos ‘autônomos’ que, no entanto, obedecem a regras que não lhes são próprias. É a sociedade da eficiência máxima, que não tem espaço ou tempo para desacelerar, para cometer erros ou para tão somente parar por poucos instantes. Se, por um lado, estamos na sociedade da meritocracia em que tudo é possível – basta querer! -, por outro, as patologias sociais demonstram que precisamos – e não estamos sabendo como - lidar com a negatividade, com a possibilidade de falha e com a noção de que não somos máquinas.

Pensar essa problemática é, de certo modo, se posicionar na contramão do novo paradigma que está posto, que carrega consigo tantos eufemismos dificilmente questionados. Flexibilidade, autonomia, independência, eficiência, dinamismo. São bonitas as novas palavras de ordem, e fluem como se houvesse alguma naturalidade que as tenha trazido até seu atual patamar de relevância. O que não se deve perder, entretanto, é a capacidade de olhar para esses termos para além de seu aparente significado, percebendo como esses novos mandamentos agem sobre os indivíduos e sobre a sociedade como um todo. Esse trabalho de reflexão pode ser tão fascinante por suas descobertas quanto indigesto pelo reconhecimento de nossas variadas formas de sujeição.

Nesse processo reflexivo, o livro *Sociedade do Cansaço* tem a habilidade de apresentar, em poucas dezenas de páginas, uma visão crítica que desnaturaliza processos patológicos, deslocando-os do campo de dor e *cansaço* individual para abordar esses problemas enquanto frutos de uma violência sistemática. O compartilhamento da dor e a compreensão das causas patológicas do nosso século, constituem, assim, uma importante ferramenta para inspirações.

Por fim, concluo acrescentando alguma positividade a essa análise um tanto quanto pessimista. É que essas inspirações podem – e muito – servir não somente para criticar tudo o que temos hoje, mas também para se pensar, coletivamente, uma *outra sociedade possível*. É sob essa perspectiva inspiradora que prefiro me ater, para extrair, em meio a todo esse *cansaço*, uma potência. Para se pensar alternativas, com reflexão, com criatividade e com a lucidez de que não se está pensando só.